

AVALIAÇÃO DE STATUS (DES)MOTIVACIONAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL

Lucas Gabriel Pereira Viana ¹
Charlyan de Sousa Lima ²
Edison Fernandes da Silva ³

INTRODUÇÃO

A educação no Brasil passa por inúmeras dificuldades, entre corte de verbas tanto da Educação Básica como do Ensino Superior, além da desvalorização de educadores, e dos ambientes escolares desfigurados na realidade dos educandos, o que pode gerar desânimo em todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Destaca-se, ultimamente, um grande desinteresse por parte de muitos alunos, pelas atividades propostas no ambiente escolar. Muitas vezes os educandos ficam apáticos diante de qualquer iniciativa dos professores, que se confessam frustrados por não conseguirem atingir seus objetivos profissionais como educadores.

Ao adentrar em sala de aula, a realidade enfrentada por muitos professores é muito distante dos padrões educacionais esperados, os mesmos percebem e vivenciam a desmotivação, o desinteresse e a frustração por parte de muitos alunos em aprender. Em sua grande maioria, tem-se educandos dispersos, indisciplinados, e, que conseqüentemente não priorizam os conteúdos abordados em sala de aula. Uma estratégia metodológica que pode ser utilizada para fins didáticos e que proporciona benefícios, como por exemplo, a assimilação do conteúdo teórico, são as aulas práticas que em sua maioria atraem mais a atenção dos alunos do que simplesmente a teoria (MORALES; ALVES, 2016).

Há um declínio no interesse de muitos alunos quando vão chegando aos anos finais do Ensino Médio, isso é relativamente preocupante, pois a desmotivação associada a outros fatores pode alavancar os índices de evasão escolar, o que na maioria dos casos sacrifica oportunidades futuras, como por exemplo, vagas de emprego que exigem titulação a nível médio ou superior (CAVENACHI; BZUNECK, 2009).

O ambiente escolar, sobretudo a sala de aula pode gerar um potencial motivacional para o aluno, por meio de conforto, comodidade e segurança. O professor por sua vez, em suas ações exercem influência direta na motivação e no nível de engajamento de seus educandos. A interação que o mesmo desenvolve com os alunos pode elevar os níveis de motivação e autoestima dos educandos, fazendo uso de uma ação metodológica que priorize o estímulo, a autonomia e o favorecimento da autodeterminação, desenvolvendo muitas habilidades e competências (GUIMARÃES et al., 2004).

Contudo este trabalho tem como objetivo avaliar o status (des)motivacional de alunos pública do Ensino Médio no município de Chapadinha, MA, a partir do perfil de estudo e da percepção acerca da motivação para aprender.

METODOLOGIA

¹ Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, vianalgp@gmail.com;

² Doutorando em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari - Univates, charlyansl@yahoo.com.br;

³ Professor orientador: Doutor, Centro de Ciências Agrárias e Ambientais - UFMA, edibocaiuva@yahoo.com.br.

Este trabalho foi desenvolvido no Centro de Ensino Dr. Paulo Ramos localizado em Chapadinha-MA. A escola conta com 85 funcionários e funciona nos três turnos (matutino, vespertino e noturno), com total de 1.356 alunos, sendo que 1.283 são da zona urbana e 73 em polos da zona rural. A referida tem 80 anos de serviços prestados ao município. Quanto à turma avaliada foi o 3º ano do ensino médio vespertino com 29 participaram da pesquisa.

Esse estudo teve uma análise quantitativa mediante observação empírica sobre a problemática da motivação do aluno no ato de aprender, onde para a avaliação diagnóstica foi aplicado um questionário direcionado os alunos.

O questionário aplicado relacionado à motivação dos alunos intitulado “Propriedades psicométricas de uma escala de motivação e estratégias para aprender” adaptado por Mota et al. (2016), constituído de 21 questões, distribuídas em quatro itens: a) motivo para estudo dos alunos avaliados; b) costumes durante a prática do estudo; c) Gostos dos alunos acerca das atividades escolares; d) percepção dos alunos acerca do aprendizado na escola.

Para as respostas foram atribuídas notas de 1 a 3, onde a pontuação mínima significa “Nunca”, a intermediária significa “Às vezes”, e a máxima que é “Sempre” (MOTA et al., 2016). Os dados coletados foram gerenciados e analisados com auxílio do software Microsoft Office Excel®.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados 29 questionários e realizada as descrições da (des)motivação dos alunos por meio das porcentagens obtidas em cada fator avaliado.

No item relacionado ao motivo para estudo. Notou-se que apenas 31% dos alunos estudam porque gostam e somente 28% sentem-se felizes quando estudam; 90% consideram o estudo importante e 100% foram unânimes quanto à possibilidade dos estudos lhes possibilitarem uma profissão melhor.

Quando indagados se os estudos tornam as pessoas melhores, 86% consideram que sim, e ainda 65% relatam que nunca estudam por obrigado. Quanto ao quesito “estudo porque meus pais acham importantes”, 65% afirmaram positivamente, contudo, 45% acrescentam que nunca estudaram para que as pessoas lhe achem inteligentes.

Os alunos também revelaram que 59% às vezes estudam para que as pessoas não lhe considerem pouco inteligente; enquanto 69% estudam para que não tirem notas baixas, outros 52% estudam por medo de ir mal às provas, e 41% estudam por medo de sofrer alguma punição.

Foi observado mediante as respostas relacionadas à motivação dos alunos no processo de aprendizagem que uma pequena amostra de entrevistados sente-se motivados e felizes no ato de estudar (Questão 01 e 02). A partir desse resultado pode-se reconhecer que a maioria dos alunos infelizmente encontra-se desmotivado.

Diante disso, confirmam-se os relatos de muitos profissionais da educação que alegam a falta de motivação dos alunos como uma das principais barreiras para o entendimento dos conteúdos abordados dentro e fora da sala de aula (RIBEIRO, 2011), o que prejudica o desempenho dos estudantes em avaliações nacionais como o Exame Nacional do Ensino Médio, onde muitos infelizmente não conseguem ou não querem cursar o ensino superior.

A desmotivação dos educandos é preocupante e deve ser combatida com métodos eficazes para que a qualidade de ensino seja satisfatória. O uso de metodologias lúdicas, aulas práticas e de campo tem se mostrado eficientes quanto ao despertar a atenção dos alunos, que são facilitadoras no processo de aprendizagem de conteúdo científico e contribuem para fascínio nas áreas das ciências naturais. Pois o conteúdo quando contextualizado com a

realidade local em que vive o educando também se torna um facilitador da aprendizagem significativa, e consequentemente estimula a motivação dos alunos (ALMEIDA et al., 2008).

A falta de motivação do aluno pode trazer sérias consequências para o seu futuro. A desmotivação é um dos fatores que impulsionam as altas taxas e evasão escolar em algumas regiões do país. A falta de condições financeiras em alguns casos força o indivíduo a trabalhar em período paralelo aos estudos (diurno) ou condiciona sua matrícula para o turno noturno, (RAMOS; DE LIMA, 1996).

Em contraste, todos os entrevistados responderam que o estudo pode trazer como benefício melhores condições profissionais. Nesse sentido, tem-se a profissão como um fator motivacional. A preocupação com o desempenho de uma profissão que lhe dê o status de uma posição social privilegiada, salários elevados e uma qualidade de vida melhor (BATISTA, et al., 2005).

A influência da família é um aspecto preponderante na escolha da carreira profissional, impulsionando muitos a sonharem com cursos que por muito tempo foram redutos apenas da elite. Seguindo esse status de motivação, a maioria dos alunos afirmaram que o estudo pode melhorar sua personalidade.

Nesse sentido, o desenvolvimento humano, por muito tempo foi algo questionável e atualmente é muito estudado, pois se sabe que o ambiente escolar exerce uma forte influência sobre o mesmo, principalmente na transição entre a infância e a adolescência. Sendo esse ambiente propício para o desenvolvimento pessoal, onde o indivíduo tem a oportunidade de partilhar de experiências que estimulam o desenvolvimento cognitivo, físico, emocional e social (ALMEIDA; MARTINS; TRINDADE, 2003).

Sobre os costumes durante a prática de estudos, houve um valor semelhante atribuído as notas “às vezes” e “sempre” quando perguntados se escreviam no caderno as informações importantes durante a aula e os estudos. De acordo com Carvalho; Pimenta (2005), o ato de escrever proporciona ao educando uma maneira eficaz de desenvolvimento da aprendizagem significativa, exercendo um papel fundamental na construção do intelecto humano.

O sistema de escrita é adquirido pelo aluno por meio da orientação do professor no processo de ensino, sendo estimulado a partir do uso de recursos como a fala e o som, além do espaço que tem fortes influências por intermédio da linguagem não formal (SOARES, 1999). O ato de escrever pontos importantes auxilia na formulação de um raciocínio lógico mais rápido e preciso que condiciona o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa.

Observou-se que apenas 24% dos alunos relataram que sempre percebem quando precisam de ajuda para estudar e 52% conhecem quando o assunto exige maior empenho nos estudos. Por isso, o reconhecimento de que o indivíduo precisa de ajuda para estudar, seja por parte do professor, supervisor escolar, pai ou mãe é um importante elemento para que o aluno não fique desmotivado (SERAFIM; BORUCHOVITCH, 2010).

Quanto aos gostos dos alunos acerca das atividades escolares, notou-se que somente 17% gostam de realizar as tarefas de classe e de casa mesmo que não seja recompensado com notas; e apenas 24% relataram que gostam de realizar as tarefas de classe e de casa, mesmo que os pais ou familiares não cobrem. Um fator que se sobressaiu aos demais foi sobre a prática do trabalho em grupo, onde 59% relataram que gostam dessa atividade, pois percebem que aprendem melhor. E por fim apenas 17% gostam de realizar atividades com um grau de maior dificuldade.

Os rendimentos escolares podem ser influenciados por inúmeros fatores. As variáveis mais discrepantes são: trabalho cognitivo, onde o mesmo deve investir parte do seu tempo na execução de atividades relacionadas à aprendizagem e ao desenvolvimento pessoal do aluno, e isso requer esforço, organização, determinação e foco nos objetivos (LAHIRE, 1997). Nesse sentido, o auxílio do professor é primordial para sucesso do aluno, mas a realidade em que vivem alguns desses profissionais, infelizmente em sua maioria é inadequada, possuindo por

exemplos, salas com mais de 40 alunos, falta de recursos didáticos, sem auxílio ou apoio dos demais componentes da equipe e comunidade escolar, acarretado de estresse e de exaustivas jornadas de trabalho ocasionam a desmotivação do profissional da educação.

As recompensas e pressões também influenciam no sucesso no rendimento do aluno. Quando o indivíduo é estimulado por intermédio de recompensa material como, por exemplo, medalhas, chocolates ou até mesmo dinheiro.

O estímulo na maioria das vezes exercido pelo núcleo familiar é considerado como um fator motivacional onde os resultados escolares podem implicar em recompensas ou punições. As expectativas dos pais em relação ao desempenho escolar dos filhos e impotência que os pais dão para os conteúdos e assuntos relacionados ao cotidiano escolar exercem forte influência na (des)motivação dos alunos (PEIXOTO; RODRIGUES, 2005).

Sobre o item relacionado à percepção acerca da aprendizagem na escola, 86% afirmaram que aprendem melhor nas aulas de professores que tem um relacionamento agradável com os alunos; 66% perceberam que aprendem melhor quando o professor demonstra um sentimento de afetividade com os alunos.

As relações de cunho afetivo que são estabelecidas entre professores e alunos exercem influência na vida do educando e interferem de forma positiva ou negativa no sucesso escolar do aluno. Assim, para que tenham resultados satisfatórios faz-se necessário uma relação harmoniosa entre todos que compõem o ambiente escolar, tanto os pais, alunos, professores, supervisores e diretores. Sendo que a presença periódica dos pais e responsáveis na escola proporciona um ambiente aconchegante e participativo, onde os alunos se identificam e se realizam como pessoa (CHECHIA; ANDRADE, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação escolar dos alunos é algo que deve ser tratado com seriedade e preocupação, visando à construção do ser social, tendo grande contribuição da escola nesse processo. Assim, a aplicabilidade de medidas educacionais que estimulem a promoção da motivação no ambiente escolar é de extrema importância, considerando o repertório cultural e social que o educando traz consigo por meio da convivência com o meio. A escola não pode se limitar apenas na remediação e/ou solução da desmotivação, mas também aperfeiçoar a motivação dos alunos.

Neste trabalho foi possível verificar a motivação dos alunos na fase final do ensino secundário, e concluí-se que, motivação em si ainda é algo complexo e tendo causas multitorias, fazendo assim necessárias mais pesquisas no âmbito escolar em relação às teorias e práticas motivacionais.

Palavras-chave: Verificação, Ensino Médio, Desinteresse, Estudos, Desempenho.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira; MARTINS, Priscilla de Oliveira; TRINDADE, Zeidi Araújo. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2003, 16(3), pp. 555-568.

BATISTA, Anne Aires Vieira et al. Fatores de motivação e insatisfação no trabalho do enfermeiro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 39, n. 1, p. 85-91, 2005.

CARVALHO, José António Brandão; PIMENTA, Jorge Manuel Rocha - “Escrever para aprender, escrever para exprimir o aprendido”. In SILVA, Bento D. ; ALMEIDA, Leandro S.,

coord. – “**Actas do Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, 8, Braga, Portugal, 2005**” [CD-ROM]. Braga : Centro de Investigação em Educação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2005. ISBN 972-8746-36-9. p. 1877-1885.

CAVENAGHI, Ana Raquel Abelha; BZUNECK, José Aloyseo. A motivação de alunos adolescentes enquanto desafio na formação do professor. Anais: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**. 2009. p. 1478-1489.

CHECHIA, Valéria Aparecida; ANDRADE, A. dos S. O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. **Estudos de Psicologia**, v. 10, n. 3, p. 431-440, 2005.

DE ALMEIDA, Elba Cristina S. et al. Contextualização do ensino de química: motivando alunos de ensino médio. Anais: **XVI Encontro Nacional de Ensino de Química (XVI ENEQ) e X Encontro de Educação Química da Bahia (X EDUQUI)**, Salvador, BA, Brasil–17 a, v. 20, 2008.

DE LOURDES MORALES, Marcia; ALVES, Fábio Lopes. O DESINTERESSE DOS ALUNOS PELA APRENDIZAGEM: Uma intervenção pedagógica. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE; Artigos**, 2016. ISBN 978-85-8015-093-3.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini et al. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 17, n. 2, p. 143-150, 2004.

LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

MOTA, Flávia Maria Cruz. **Motivação dos estudantes e professores no espaço escolar**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação na Área de Especialização em Administração Escolar) Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2016

PEIXOTO, Francisco; RODRIGUES, Patrícia. Atitudes parentais em relação ao desempenho acadêmico dos filhos e sua relação com o autoconceito, autoestima e motivação. **Instituto Superior de Psicologia Aplicada**, p. 803-817, 2005.

RAMOS, Silvia; DE LIMA, Eliene Rodrigues. O secundarista e o processo de escolha da profissão. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 77, n. 185, 1996.

RIBEIRO, Filomena. Motivação e aprendizagem em contexto escolar. **Profforma**, v. 3, p. 1-5, 2011.

SERAFIM, Tania Maria; BORUCHOVITCH, Evely. A estratégia de pedir ajuda em estudantes do ensino fundamental. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 2, p. 404-417, 2010.

SOARES, Magda. Aprender a escrever, ensinar a escrever. **A magia da linguagem**, v. 2, p. 49-73, 1999.